

# Entrevista

---

**Dr. Arqt.º Augusto Pereira Brandão**

Entrevista realizada ao Prof. Dr. Arqt.º Augusto Pereira Brandão, no âmbito do tema estudado na dissertação de mestrado - **Arquitectura como Propaganda do Estado Novo**.

Arquitecto formado pela Escola de Belas-Artes de Lisboa em 1955, ao longo da sua carreira ganhou grande notoriedade no panorama da arquitectura nacional, através da sua vasta obra no campo da «arquitectura escolar».

O Prof. Dr. Arqt.º Augusto Pereira Brandão, pareceu-nos a pessoa relevante a ser entrevistada, uma vez que acompanhou de perto as influências e pressões implicadas à arquitectura pelo regime, sendo como tal um importante testemunho, para uma melhor compreensão do processo a que a arquitectura nacional, bem como os arquitectos portugueses, estiveram sujeitos.

## Entrevista

---

**Dr. Arqt.º Augusto Pereira Brandão**  
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias  
22-05-2013

**1. Ao longo da minha dissertação admito e exploro a ideia de que o Estado Novo instrumentaliza a arquitectura de diferentes formas para se promover enquanto regime autoritário. No seu entender acha que a arquitectura desempenhou um papel propagandista face ao regime autoritário de Salazar?**

Eu respondo-lhe de duas maneiras. Há várias fases dentro do Estado Novo.

Há uma primeira fase, em que o Estado Novo quis simbolizar-se principalmente pela exploração do futurismo, pelas teorias futuristas. Desde aí os trabalhos do Almada Negreiros, os trabalhos do João da Silva, os trabalhos de Carlos Botelho, vários trabalhos na realidade que se fizeram nessa época.

Depois, a criação da arquitectura popular, fundamentado pelo arquitecto Raul Lino. O que é curioso é que ele não desenvolveu essa teoria indo buscar o popular português, mas sim a arquitectura popular que ele aprendeu na Alemanha, durante os seus estudos. Ou seja, é de outro país que ele traz influências.

Ainda a reedificação histórica, para mostrar que Portugal foi bom em determinada época. Uma época profundamente “comandada”.

Então, existiram arquitectos que eram tutores de outros, que alteravam obras com o intuito de aplicar elementos característicos da arquitectura nacional. Por exemplo elementos barrocos, por se considerar que a fase barroca, se tratava de um estilo único português, então por excelência era o estilo preferido do regime. Como é exemplo no Liceu D. João de Castro, os frontões curvos entre outros elementos.

Depois houve uma libertação pela parte dos arquitectos de toda essa arquitectura. Houve uma preocupação de entidades internacionais, como a OCDE e a Comunidade Mediterrânea, que enviaram técnicos a Portugal, que com o interesse dos nossos arquitectos conseguiram mudar o conceito da nossa arquitectura. Por volta de 1967-68 os arquitectos nacionais tiveram voz finalmente, e conseguiram conquistar a linguagem que o Estado Novo viria a financiar.

**2. Com que regime autoritário nos assemelhamos ou nos influenciámos mais, enquanto sistema de instrumentalização da arquitectura?**

Com o regime Italiano. De longe.

O fascismo começou, tal como o Estado Novo por desenvolver a linguagem futurista. O futurismo de Marinetti.

Existe muito de semelhante entre o primeiro fascismo português e o fascismo italiano, principalmente no uso da arquitectura e da propaganda oficiosa.

### **3. Como é que o tópico da arquitectura popular emergiu, se desenvolveu, foi pensado e discutido ao longo desse período de tempo?**

A Associação dos Arquitectos Portugueses, interessou-se em estudar esta questão. Perante a evocação modernista que se queria de facto linear, os arquitectos portugueses e principalmente a Associação dos Arquitectos Portugueses, quis estudar de facto a “Arquitectura Popular” das diversas regiões portuguesas, para justificar o quanto má era.

Saiu um livro desse estudo, mas no meu entender não o fez bem, fez até bastante mal. Julgo que deviam ter sido as Universidades a fazer esse estudo. Não para mudar estilos, mas para analisar e rever a ideia que sustentava a questão.

Essa preocupação no estudo da “Arquitectura Popular” aconteceu por volta dos anos cinquenta e realmente atingiu os fins.

### **4. Como é que a arquitectura popular, de um não-objecto, se transformou num objecto reconhecido e aceite e faz hoje parte da história da arquitectura portuguesa?**

Procurou-se estudar “esse não objecto”, para o tornar real. O Estado Novo tirou partido do estudo da etnografia regional ou popular portuguesa das diferentes províncias e implantou uma arquitectura dita popular que se integrava segundo elementos diferenciados na diferente geografia portuguesa. Por exemplos as escolas dos centenários, construídas muitas delas em 1940, usavam elementos da arquitectura popular para se fazerem caracterizar. A rocha abrangente da região era normalmente usada, e divergia de região para região.

Existiam as “escolas do granito”, as escolas do sul não usavam rocha e eram caiadas,... A planta era a mesma (chamavam-lhe os projectos-tipo), mas a rocha da região era evocada nas fachadas, traduzindo a arquitectura popular da região em que se implantava.

### **5. Enquanto arquitecto, como aceitava o tema da arquitectura tradicionalista ou do estilo nacionalista impulsionado (e impingido) na arquitectura que o Estado Novo exigia financiar?**

Nunca tive problemas relativos a essa situação. Comecei a trabalhar no Estado, e no Estado não havia essa preocupação, porque as obras eram suficientemente grandes para se introduzir esses valores tradicionais.

O tradicionalismo e a linguística do regional eram inseridas nas obras pequenas, até as exemplo nas escolas de oito salas.

Nas grandes obras, o Estado Novo impingia era a evocação da sua “imagem”, a vinculação de momentos históricos em que Portugal foi mais acutilante no mundo. Aí era necessário o uso do Barroco, sempre. Por isso, é que até nas obras maiores do ensino, já em Liceus e nas Escolas Técnicas e mesmo em outras obras, como os Palácios da Justiça se usavam elementos do Barroco.

A arquitectura tradicional ou regionalista não se via em obras grandes e muito menos na capital.

**6. Como foi possível o Estado ter financiado e adoptado inicialmente uma arquitectura moderna (como o exemplo do IST e de edifícios como a Casa da Moeda e o Instituto Nacional de Estatística) e drasticamente mudar a sua atitude no final dos anos 30, para a adopção de uma arquitectura tradicional inspirada nos séc. XVII e XVIII que camuflava todo as novas técnicas construídas?**

Foi a consciência que o regime assumiu como comandante histórico do país. O Estado Novo, sentia que era necessário renovar os princípios da grande tradição portuguesa e a influência do SPN/ SNI foi muito importante nessa altura.

Mas houve um arquitecto, para mim o mais importante, que se destacou nessa área do Moderno, o Cottinelli Telmo, por ter sido um dos pioneiros a ultrapassar a arquitectura historicista que o regime impunha.

**7. Contudo, o Estado Novo financiou uma efémera modernidade e ainda um estilo de arquitectura “genuinamente português” que ainda se encontram presentes em muitas cidades de norte a sul do país, nomeadamente na capital. No seu entender, achava que estes imóveis deviam ser considerados de protecção a salvaguardar?**

Primeiro, tenho de discordar com uma coisa, porque eu acho que nunca existiu um estilo “genuinamente português”. Nunca houve, porque de facto, o arquitecto Raul Lino e o seu grupo de apoiantes, dentro destros da Associação dos Arquitectos, vincularam-se muito às obras alemãs, principalmente à “Casa Alemã”. Ou seja, foi uma influência estrangeira que a impuseram como nacional e isso não faz sentido.

Quanto às obras a salvaguardar, só se tiverem qualidade enquanto arquitectura construída. Se não é deitar a baixo.

**8. Para si, qual foi a personagem de maior interesse intelectual que esteve ligada ao regime e intrinsecamente à arquitectura?**

Foi o Cottinelli Telmo, sem dúvida. Era um arquitecto vinculado a uma estrutura mental sólida, fora do comum. Era um arquitecto extremamente interessante. Também o Cristino da Silva, mas para mim, mais ainda o Cottinelli Telmo.